

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
AS VARIAÇÕES DE HONG SANG-SOO  
14 e 27 de Dezembro de 2019

HAHAHA / 2010

*Um filme de Hong Sang-Soo*

Realização e Argumento: Hong Sang-Soo / Direcção de Fotografia: Park Hong-Yeol / Montagem: Hahm Sung-Won / Interpretação: Kim Sang-Kyung (Jo Moon-Kyeong), Moon So-Ri (Wang Seong-Ok), Gi Ju-Bong (Tong-Yeong), Kim Kang-Woo (Kang Jeong-Ho), Kim Guy-Ri (No Jeong-Hwa), Yoon Yeo-Jeong (mãe de Moon-Kyeong), Jun-Sang Yu (Bang Joong-Sik), Ji-Won Ye (Ahn Yeon-Joo), Kim Yeong-Ho (Lee Soon-Shin), etc.

Produção: Jeonwonsa Film Co. / Cópia: digital, colorida, falada em coreano com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 116 minutos / Inédito em Portugal.

\*\*\*

**Hahaha** é um filme grave, é um filme ligeiro? É um filme “sério”, é um filme “irrisório”? Ou é, resposta que nos parece a correcta, tudo isto ao mesmo tempo, imbricado de uma maneira que é, em si mesma, o segredo fundamental de Hong Sang-Soo? Certo é que, conscientemente, ele se procura ir libertando do peso e dos acessórios: conforme contava numa entrevista aos *Cahiers* de Março passado (e justamente a pretexto de **Hahaha**), o seu lema é ir fazendo sempre menos e mais simples, cortando até (e voluntariamente) nos orçamentos até que não fique mais nada com que trabalhar a não ser, justamente, a *vontade*... (e foi assim que, explicou Hong, os actores de **Hahaha** foram pagos pelo mínimo permitido pela legislação laboral coreana...). **Hahaha** é de facto um prodígio de simplicidade de meios, com um toque amador que não deixa de trazer à memória alguns dos princípios da Nouvelle Vague, e na verdade mais do que apenas “princípios” (por exemplo aqueles planos da rapariga de blusa amarela e saia azul enquadrada contra a cinza de um céu nublado: é Godard, é Rozier, é Rohmer, e é, bem entendido, Hong Sang-Soo).

Hong também contou como chegou a este título – que parece uma gargalhada, que talvez possamos entender como uma gargalhada, mas tem ainda um outro sentido: “*viajava de táxi por Seoul e reparei num placard publicitário decrépito, onde só tinham resistido quatro letras: ‘haha’... Haha, hahaha, o título veio daí*”. Apoteose da ausência de sentido? Não – haha, hahaha, **Hahaha**, é o que sobra, é uma espécie de resíduo da memória. E a memória, os resíduos da memória, são o tema de **Hahaha**, filme em que dois amigos, por entre muitos brindes e muito álcool, contam um ao outro a história das suas férias, que eles passaram no mesmo sítio, em relação com as mesmas pessoas, mas sem nunca se encontrarem. Amores de verão, bruscos, fátuos, violentos, inconclusivos ou decisivos (quem saberá – tudo são “histórias” que dois amigos meio embriagados contam um ao outro), dados a ver como um bailado, um rodopio, físico e sentimental,

abundante em quiproquós, mal entendidos, pequenas trifulhices, sem que uma sombra de angústia desapareça, e sem que, a qualquer momento, a sinceridade se esvaia – mesmo quando as personagens fazem teatro, fazem-no em plena convicção de que é aquilo que, naquele momento, realmente querem fazer (deste ponto de vista, os “contos morais” de Rohmer não são, de facto, uma referência extraordinariamente longínqua).

Sem tempo para mais, reforçamos apenas que **Hahaha** é um filme belo e divertido, com uma graça inexcelsível no tratamento das suas personagens, respectiva psicologia sentimental e respectivos pontos de vista, e um filme à beira da genialidade na maneira como trabalha os espaços da acção, os encontros e desencontros, as rimas e as repetições. Chamamos atenção para os zooms (Hong é dos poucos cineastas contemporâneos que trabalha este tão pouco grato procedimento técnico de modo a transformá-lo numa figura de estilo plena de sentido, inclusivamente sentido estético) e deixamos uma pergunta: alguém viu, em toda a história do cinema, um zoom como aquele da cena no café com vista para o porto, quando as personagens se focam no vagabundo que pede esmola à beira do cais?

Luís Miguel Oliveira

(adaptado de um texto escrito em 2011 na ocasião da projecção deste filme no ciclo “Hong Sang-Soo e o Cinema Contemporâneo da República da Coreia”)